

O PROTAGONISMO JUVENIL DE ADOLESCENTES AO OLHAR DE MICHAEL FOUCAULT

Ana Beatriz Medeiros Ferreira ¹

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade criar uma inquietação acerca do pensamento de Foucault, o que poderia nos revelar ao se tratar de Protagonismo Juvenil. Ao aprofundar os entendimentos e buscar os espaços não explorados, este trabalho teve como finalidade ser referência para outras pesquisas futuras, com uma metodologia que se respalda em uma pesquisa bibliográfica. Explorando desta forma aquilo que já foi feito para que se possa criar sobre terreno sólido e consistente. Buscando sintetizar o conhecimento sobre um determinado assunto que é o Protagonismo Juvenil na visão de Michael Foucault. Em seu desenvolvimento será abordado a visão de Foucault sobre poder e escola; o nascimento da Protagonista no seio construtivista e o protagonismo no meio social da escola. A liberdade criativa propicia a saída de uma Zona de Desenvolvimento Real para uma Zona de Desenvolvimento Potencial. Apenas o objeto sem tornar-se símbolo, isto é, apenas o professor sem ser agente de mudança, não cria nada de novo, a motivação precisa existir. Há um campo para pesquisas sobre as questões que os adolescentes em ambiente escolar possuem, principalmente quando podemos pensar nas relações entre os protagonistas e os não-protagonistas.

Palavras-chave: Protagonismo Juvenil, Educação, Foucault, Construtivismo

RESUMEN

El propósito de este artículo es suscitar inquietudes sobre el pensamiento de Foucault, que podría revelarse al tratar el protagonismo juvenil. Al profundizar en los entendimientos y buscar espacios inexplorados, este trabajo pretendía ser un referente para otras investigaciones futuras, con una metodología que se sustenta en una investigación bibliográfica. Explorando de esta manera lo que ya se ha hecho para que se pueda crear sobre un terreno sólido y consistente. Buscando sintetizar conocimientos

¹ Mestranda da Universidade Del Sol, PY, Especialista em Arte Educação, UFPE, Especialista em Psicopedagogia, FAINTVISA. Mestranda do curso de Ciências da Educação, pela Universidade Del Sol, campus centro. Pesquisa sobre o construtivismo na visão de Foucault. Atividade proposta na disciplina da História y Filosofía de La Educación, Prof. Dr. Irineo Barreto. E-mail ana.beatrix1@gmail.com

sobre un tema en particular que es el Protagonismo Juvenil en la visión de Michael Foucault. En su desarrollo, se abordará la visión de poder y escuela de Foucault; el nacimiento del protagonista en el seno constructivista y el protagonismo en el ámbito social de la escuela. La libertad creativa proporciona la salida de una Zona de Desarrollo Real a una Zona de Desarrollo Potencial. Solo el objeto sin convertirse en símbolo, es decir, solo el maestro sin ser agente de cambio, no crea nada nuevo, la motivación debe existir. Existe un campo de investigación sobre las problemáticas que tienen los adolescentes en el ámbito escolar, sobre todo cuando podemos pensar en las relaciones entre protagonistas y no protagonistas.

Palabras clave: Protagonismo juvenil, Educación, Foucault, Constructivismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como finalidade criar uma inquietação acerca do pensamento de Foucault, o que poderia nos revelar ao se tratar de Protagonismo Juvenil. Ao aprofundar os entendimentos e buscar os espaços não explorados, este trabalho teve como finalidade ser referência para outras pesquisas futuras, com uma metodologia que se respalda em uma pesquisa bibliográfica. Pretende na primeira parte, explanar sobre o adolescente, que figura é esta, que vive sob um universo próprio, segundo, Bock (2007), “um estado que se confunde entre a infância e a vida adulta. Marcada por uma busca por espaço, identidade e reconhecimento, esta é a fase que os jovens protagonistas se encontram quando passam a desempenhar estes papéis”. Na segunda parte a educação construtivista em seus conceitos ao entrelaçar ideias com o espaço do jovem e a dinâmica de interações sociais que desempenham dentro do espaço escolar. Visando, então, buscar formas de tecer linhas de pensamento que enlacen construtos bem definidos nas possíveis conclusões.

METODOLOGIA

Este artigo é uma pesquisa bibliográfica tem sua finalidade em buscar sintetizar o conhecimento sobre o protagonismo juvenil na visão de Michael Foucault Alguns outros teóricos foram citados como Vigosvisk A revisão foi realizada a partir do levantamento

bibliográfico de literatura publicados a partir do ano 2000. Foi feita uma seleção da literatura de artigos, livros, periódicos e teses publicados na língua portuguesa em base de dados *Scielo* e *Scholar Google*. Para a busca da literatura foram utilizadas quatro palavras chaves “Foucault”, “Protagonismo Juvenil”, “Educação”, “Construtivismo”.

Após a seleção da literatura foram aproveitados doze artigos e três livros para elaboração do presente artigo.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. PODER, ESCOLA E FOUCALT

Quando pensamos no ambiente escolar a ideia que normalmente surge é de uma instituição de ensino, logo pressupõe que é um lugar para estudar. Essa visão de senso comum, entretanto, é modificada quando entendemos a escola como um espaço de socialização. Repleto de disputas de poder para se destacar de alguma forma e ser visto, ao passo que a instituição busca apagar as diferenças e uniformizar as pessoas.

Para isso que servem os uniformes, afinal. Criar um sentido de unidade, uma compleição única e que pode ser facilmente reconhecida como alguém que faz parte desta ou daquela instituição fabricando a partir do informe a unidade. Não apenas os uniformes, mas a forma como todos são tratados, são postos em salas e distribuídos em cadeiras. Tudo isso é uma forma de criar uma unidade através de um sistema de coação, como seria descrito por Foucault em seu livro *Vigiar e Punir* em 1987.

Assim podemos pensar na instituição como um todo. Nela como um lugar que busca passar conhecimento, mas também que visa formar corpos dóceis. Que coloca o indivíduo num universo de obediência, pois, como função última, a escola teria o papel de preparar o jovem para a vida, e a vida em sociedade é, preferencialmente, uma vida dócil. (IBDEM). Ao quebrar este parâmetro pode-se incorrer em sanções emocionais e sociais.

Mesmo ocorrendo meios de reprimir e restringir com normas tradicionais e arcaicas, temos toda uma efervescência adolescente que briga para livrar-se destas amarras de restrição e disciplina. Ao passo que eles, os jovens, estão uniformizados, estes

uniformes acabam não sendo uniformizados. Estilizando-os na busca pela identidade. Segundo Macedo, Gobbi e Waschburgeri (2009), “Os jovens buscam formas de exprimir suas pretensas singularidades. Expressando quem são, e esta forma se bate com o mundo fixo de regras e normas que a escola cria”. Posto que Foucault trará a ideia de que o corpo social criado seria uma expressão do poder exercido pela sociedade. Neste caso, “o poder da Escola enquanto instituição força a individualidade e o jovem, que tem como obrigação ser quem é, a fugir disto” (BOCK, 2007).

Segundo o pensamento de Foucault (1987), a escola se assemelha a uma prisão. Guarda semelhanças que nós podemos entender que os estudantes seriam os presos e os funcionários os carcereiros. Para fugir desta noção de prisão se faz necessário uma forma didática efetiva, e um meio de lidar com estes estudantes. O pensamento construtivista carrega consigo certo vislumbre de liberdade e soltura que antes não parecia ser possível dentro do sistema vigente. A escola, que parece uma prisão, também teria seus meios de simulacro de liberdade. Segundo Ferreira (2019) “A Educação inclusiva está voltada para incluir a todos, somos todos diferentes, independente de capacidades, cor, raça, orientação sexual ou definição de gênero. ” O caminho para uma educação inclusiva vai se tornando mais presente a aparecer o protagonismo no meio educacional, não só na figura do jovem, mas também na figura de toda comunidade escolar querendo fazer a diferença.

2. O NASCIMENTO DO PROTAGONISMO EM MEIO CONSTRUTIVISTA

Segundo Matthews (2000) a ideia construtivista terá dois princípios fundamentais nos quais toda a teoria será delineada, (IBDEM) “O conhecimento é passado de forma ativa, e a cognição é adaptativa frente ao espaço experiencial”. A partir desta visão já temos um confronto com a noção de escola como prisão. Pois, na prisão todas as ações seriam feitas de forma passiva e restrita, sem a autonomia real dos seus internos. O modo construtivista quebra com esse paradigma, criando uma noção de ruptura com a passividade e abraçando a atividade. Obviamente o construto do construtivismo não é um elemento único e fechado numa pedra, o que seria, de certa forma, irônico caso fosse. Há, entretanto, algumas variações do construtivismo e as principais, mais tradicionais são: o construtivismo filosófico, o construtivismo educacional e o construtivismo sociológico. Para fins de sanarmos nossas inquietações, focaremos no construtivismo educacional,

posto que o foco é na escola e educação. “Tais formas construtivistas poderiam ser pessoais, ou socioculturais, dentre outras tantas facetas e verdades” (MATTHEWS, 2000).

Pensando sobre o socioconstrutivismo, Boiko & Zamberlan (2001) trazem que o conhecimento é uma ação de partilha. Uma forma negociada do meio com os sujeitos que se apropriam daquilo que podem ao passo que incluem mais coisas naquilo que pegam. Um movimento vivo, que para Vygostsky, segundo Boiko & Zamberlan (2001), tem no professor o papel de um agente observador, facilitador, promotor e até mesmo desafiador.

Nesta perspectiva, o professor deixa o papel de carcereiro da prisão e passa a ocupar um papel mais representativo de educador, de agente de mudança e criador de novas possibilidades. Ainda passando seu conhecimento, mas não apenas isso. O professor torna-se o próprio elemento de mediação (ROMERO, 2015), saindo de uma zona de desenvolvimento real, para uma zona de desenvolvimento potencial. Isto é, o professor torna-se uma espécie de chave que o estudante pode, ou não, usar para sair do seu mundo anterior e ter novas experiências.

Nesta perspectiva começamos a pensar no conhecimento não só como agente ativo, mas como forma de obtenção de poder. Tema esse que Foucault traria em sua *Microfísica do Poder* de 1987, já que o conhecimento é uma forma de poder e pensando num paralelo criado entre a Escola e as Prisões, se a luta contra as prisões de Foucault se daria pela luta contra o poder exercido contra o preso, a Escola como espaço de investimento de poder seria um lar para uma luta a favor desta.

Nesta lógica temos o pensamento que a Escola Construtivista que nascerá o jovem protagonista é terreno fértil para o Poder e para a própria Educação. Posto que está se dá de forma ativa, não apenas como receptação de um conhecimento roubado de livros. A atividade do estudante protagonista num mundo construtivista é algo relevante.

3. O PROTAGONISMO JUVENIL E O MEIO SOCIAL DA ESCOLA

Então depois de falar tanto sobre o adolescente a pergunta emergente talvez seja: O que é o Adolescente? Para responder essa questão podemos pensar no que Macedo,

Gobbi e Waschburgeri (2009) traz para o debate: A ressignificação da identidade. O adolescente já deixou a infância, não mais cabe a ele as atitudes de criança. Não mais cabe a irresponsabilidade, mas também não cabe a adultez (OLIVEIRA, 2006). Um limbo social que cria um espaço próprio para o jovem que o vive.

O adolescente vive toda uma pletera de mudanças, físicas (Oliveira, 2006) e psíquicas (MACEDO, GOBBI, WASCHBURGERI, 2009). Tais mudanças não se dão sem peso na vida do adolescente. A mudança hormonal da idade somada com o local de convívio social poderá surgir várias necessidades. Muitas delas, sociais. Muitas delas, uma busca por ser alguém individualizado e autônomo (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Pratta & Santos (2007) o adolescente passa por numerosos desequilíbrios e instabilidades. Isso o torna inseguro, angustiado e sente que as pessoas não o compreende. Fazendo com que ele se sinta, por vezes, injustiçado frente aos pais e professores.

Apesar de toda essa miríade de conflitos, é incorrer em erro patologizar o adolescente. Leite *et al.* (2016) uma das grandes marcas da adolescência é a socialização com profundos laços afetivos com os pares. Sendo necessário, para tanto, um contato com adolescente para que exista real interação entre ele e qualquer meio ao qual ele seja inserido, o que inclui a escola.

Neste ponto que introduzimos o conceito de protagonista. Nogueira & Araújo (2016) evocam a ideia de protagonista juvenil como sendo o jovem ativo que participa em ações reais de sua comunidade, seja esta escolar ou não. Neste caso, a comunidade escolar que possui relevância.

Fala esta que corrobora com o seguinte pensamento de Matos & Carvalhosa (2001) que entende o bem-estar do jovem como sendo oriundo de uma miríade de fatores, como escola, relacionamento com os pais e ambiente positivo na escola:

As influências seguintes mais importantes são: uma comunicação fácil com o pai, uma auto-imagem positiva e a facilidade em fazer amigos. Estes resultados apoiam a ideia de que factores relacionados com a escola, com a família, com o grupo social e com eles próprios, têm uma

influência relevante na percepção de bem-estar por parte dos adolescentes. (MATOS & CARVALHOSA, 2001, p. 43)

Quando falamos da vontade do adolescente de se individualizar (Macedo, Gobbi e Waschburger, 2009), entendemos que assumir um papel de liderança é um óbvio meio de destaque e individualização. Aquele que se põe no papel de protagonista acaba tomando para si a figura de líder e de reconhecimento entre os pares. Nisto a evidência assume o mesmo peso de uma tatuagem já que as relações simbólicas feitas podem existir tanto no objeto, no caso a tatuagem, quanto na posição, o protagonismo. E esta existência incide sobre todas as lógicas de pertença.

O jovem Protagonista assume um lugar indócil no mundo ao se pôr contra todo um sistema. Ao se pôr contra toda uma forma de ser e agir que encarcera a atuação do adolescente. Novo indivíduo de ação ir de encontro a tudo o que estava antes determinado pela sua vivência prévia e pertencendo a um local privilegiado que antes se supunha impossível.

Foucault então se depara com as normas que são ultrapassadas pelos jovens em seu livro *Vigiar e Punir* (1987):

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito. (FOUCAULT, 2008, p. 121)

Estas são as formas de controle tão vigentes na escola, quanto são em quaisquer lugares que necessitem de fortes regras para manter a disciplina. Manter uma forma racional e coerente de agir, que, por sinal, transformaria os alunos em meros espectadores passivos das ações escolares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito do que se trata sobre o Protagonismo Juvenil são questões de práxis, mas pouco de sua teoria, pouco do que realmente representa o ser protagonista. Talvez as relações de objeto sejam mais facilmente traduzidas quando se fala de local social, ou seja apenas uma das formas de se sentir pertencente a algum lugar, ou apenas um papel como outro qualquer que tem relevância, mas não é definidor, ou divisor de águas. Não se pode afirmar nada sobre isso com propriedade.

De fato, pode-se afirmar pouca coisa no mundo com exata propriedade, mas dentre elas uma é que Foucault não previa uma escola construtivista em seus períodos de “Vigiar e Punir” e “Microfísica do Poder”. Não havia imaginado que alguém como Vygotsky traria uma noção de necessidade de liberdade para a escola. Pois, sem tal liberdade, o socioconstrutivismo simplesmente não teria como existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos, então, todo o artigo tendo em vista que mais questões foram levantadas do que propriamente respondidas. Tal como foi o objetivo principal deste artigo, levantar pensamentos e inquietações acerca do Jovem Protagonista, que possui tão vasto território a ser explorado e tão pouco realmente produzido e pensado.

Outra coisa que podemos afirmar é que o espaço para mais pesquisas sobre o papel do adolescente no mundo existe e dificilmente será exaurido. Há um vasto campo para pesquisas com os adolescentes em ambiente escolar, principalmente quando podemos pensar nas relações entre os protagonistas e os não-protagonistas e ensino aprendizagem.

REFERENCIAS

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, Jun., 2007.

BOIKO, V. A. T.; ZAMBERLAN, M.A.T. A perspectiva sócio-construtivista na psicologia e na educação: o brincar na pré-escola. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 6, n. 1, p.51-58, Jun., 2001.

FERREIRA, A.B.M. “Educação Inclusiva: Meu gênero não me define. ” Editora realize.com.br. Revistas ANAIS. Anais Desfazendo Gênero.IV.1,2019, ISSN 22447-2190 editorarealize.com.br

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Por uma genealogia do poder; organização e tradução de Roberto Machado. 13a ed. Rio de Janeiro: graal, 1998.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de L. M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITE, F. M.; PESSOA, M. C. B.; SANTOS, D. P.; ROCHA, G. F.; PEREIRA, A. M. F. O sentido da escola: Concepções de estudantes adolescentes **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 20, núm. 2, maio-agosto, pp. 339-348, 2016.

MACEDO, M. M. K.; GOBBI, A. S.; WASCHBURGERI, E.M. P. Marcas corporais na adolescência: (im) possibilidades de simbolização. **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 90-105, abr. 2009.

MATOS, M.G.; CARVALHOSA, S.F. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem estar. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa , v. 2, n. 2, p. 43-53, nov. 2001.

MATTHEWS, M.. Construtivismo e o ensino de ciências: uma avaliação. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 270-294, jan. 2000. ISSN 2175-7941.

NOGUEIRA, A.T.; ARAÚJO, E. M. Incentivo ao protagonismo juvenil para a redução da violência e das desigualdades sociais. **Interfaces**, UFMG, v. 4, n. 2, 2016.

OLIVEIRA, M.C. S. L. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 11, n. 2, p. 427-436, Ago. 2006.

PRATTA, E.M.M.; SANTOS, M. A. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 12, n. 2, p. 247-256, Aug. 2007 .

ROMERO, P. **Breve estudo sobre Lev Vygotsky e o sociointeracionismo**. 2015. Disponível em: <<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/breve-estudo-sobre-lev-vygotsky-e-o-sociointeracionismo>>.

REFERÊNCIAS

Almeida, Patrícia Cristina Albieri de e Biajone, Jefferson Saberes docentes e formação inicial de professores: implicações e desafios para as propostas de formação. Educação e Pesquisa [online]. 2007, v. 33, n. 2 [Acessado 7 Junho 2021], pp. 281-295. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000200007>>. Epub 05 Out 2007. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000200007>.

ALVES, SOLANGE MARIA e TEO, CARLA ROSANE PAZ ARRUDAO ATIVO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL PARA OS PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO SUPERIOR. Educação em Revista [online]. 2020, v. 36 [Acessado 15 Junho 2021], e229610. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698229619>>. Epub 21 Dez 2020. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/0102-4698229619>.

FARIA, Paula Maria Ferreira de e CAMARGO, Denise de As Emoções do Professor Frente ao Processo de Inclusão Escolar: uma Revisão Sistemática 2 Apoio Financeiro: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)/CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) - Bolsa de Mestrado. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2018, v. 24, n. 2 [Acessado 9 Junho 2021], pp. 217-228. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200005>>. ISSN 1980-5470. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200005>.

FERREIRA, A.B.M. "Educação Inclusiva: Meu gênero não me define." editora realize.com.br. revistas ANAIS. Anais Desfazendo Gênero.IV.1,2019, ISSN 22447-2190 editorarealize.com.br

Lacerda, Flávia Cristina Barbosa e Santos, Letícia Machado dosIntegralidade na formação do ensino superior: metodologias ativas de aprendizagem. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) [online]. 2018, v. 23, n. 3 [Acessado 15 Junho 2021], pp. 611-627. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300003>>. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772018000300003>.

Lima, Valéria VernaschiEspiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]. 2017, v. 21, n. 61 [Acessado 15 Junho 2021], pp. 421-434. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>>. Epub 27 Out 2016. ISSN 1807-5762. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>

Marin, Maria José Sanches et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem. Revista Brasileira de Educação Médica [online]. 2010, v. 34, n. 1 [Acessado 15 Junho 2021], pp. 13-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000100003>>. Epub 18 Jun 2010. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000100003>.

Mendes, Enicéia GonçalvesA radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. Revista Brasileira de Educação [online]. 2006, v. 11, n. 33 [Acessado 7 Junho 2021], pp. 387-405. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300002>>. Epub 23 Jan 2007. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000300002>.



Rosa, Maria Inês Petrucci e Ramos, Tacita AnselloIdentities docentes no Ensino Médio: investigando narrativas a partir de práticas curriculares disciplinares. Pro-Posições [online]. 2015, v. 26, n. 1 [Acessado 16 Junho 2021] , pp. 141-160. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-7307201507601>>. ISSN 1980-6248. <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507601>